

O consumidor se endivida por diversos fatores como falta de controle nos gastos, compras para terceiros, atraso de salário, comprometimento da renda com despesas supérfluas, redução da renda, doenças, má fé e até o desemprego. Ou seja, o estímulo ao consumo é constante, e a tomada de decisão do consumidor é influenciada externamente e internamente (CLAUDINO, NUNES, SILVA, 2009), atingindo todas as classes sociais e de nível de instrução (BARBOSA, SILVA, PRADO, 2012).

Nesse aspecto entra em evidência a Educação Financeira, que de acordo com a Organização de Desenvolvimento Econômico e Cooperação (OECD, 2013) estabelece como sendo um processo pelo qual consumidores e investidores melhoraram seu conhecimento de produtos e conceitos financeiros e, através de informação, instrução e/ou aconselhamento claro, possam a desenvolver habilidades e confiança para se tornarem mais conscientes dos riscos e oportunidades neles envolvidos, e a partir disso fazer escolhas bem informadas, saber onde procurar ajuda e tomar outras medidas mais eficazes para melhorar a sua proteção financeira (JUBINI, SOUSA BALBINO, BESSA, 2017).

Para isso é necessário destacar a importância do conceito sobre as Finanças Pessoais, que segundo Ferreira (PADILHA apud FERREIRA, 2012) refere-se em planejar ou determinar antecipadamente o que pretendemos com o uso do dinheiro, detalhando os planos necessários para alcançar os objetivos, ou seja é a elaboração de um planejamento em que o indivíduo consiga garantir uma estabilidade financeira no futuro (PADILHA, 2012; CHEROBIN, ESPEJO, 2010).

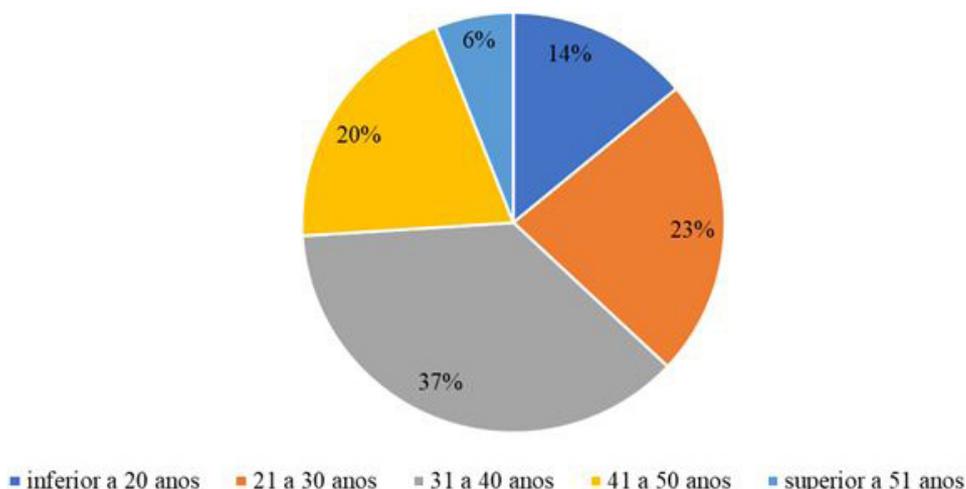
Através dessa problemática ocorre a aparente preocupação com o descontrole do orçamento pessoal impactando e se refletindo nas atitudes comportamentais. Assim o objeto de estudo são colaboradores de uma empresa que atualmente no mercado atual é considerada uma das maiores multinacionais no ramo alimentício e frequentemente é conceituado como uma grande geradora de empregos e renda, atraindo interessados de todas as regiões do Brasil para a região Médio – Norte de Mato Grosso.

No entanto o objetivo desse estudo é realizar uma avaliação da atual conjuntura financeira dos colaboradores dessa multinacional, de maneira que possamos identificar a forma como estes empregam seus recursos financeiros, mapeamento as principais práticas desenvolvidas com relação as questões de gestão pessoal, explorando as formas de organização e oferecendo uma possibilidade de auxílio e apoio quando ao gerenciamento econômico pessoal, visando o bem-estar, qualidade de vida e maior produtividade.

Planejamento Financeiro Pessoal

Com o advento das Revoluções Industrial e Tecnológica, o consumo se tornou cada vez mais presente na vida dos cidadãos, e essa presença tem trazido muitas preocupações, especialmente relacionadas ao planejamento financeiro. Diante disso, os gastos imprevistos e daqueles que podem ser considerados desnecessários, se considerarmos a estrutura financeira e social de cada indivíduo.

Figura 4 - Idade ideal para se preocupar com a aposentadoria

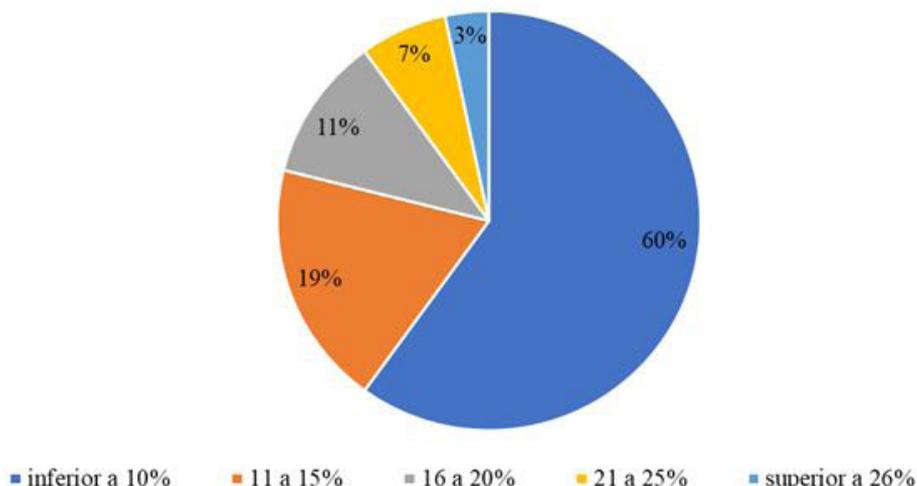


Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Observa-se que 37% da amostra afirmam que a partir 31 a 40 anos, 23% a partir dos 21 a 30 anos, 20% dessa amostra de 41 a 50 anos, apenas 14% acredita que desde o primeiro emprego precisa se preocupar com a aposentadoria, apenas 6% acima dos 50 anos. O planejamento financeiro deve ser elaborado em tempo presente acarretando resultados em tempo futuro, a fim de obter de certa forma tranquilidade econômica. No entanto, apesar de pouco explorado, este tipo de planejamento está presente na vida diária, mesmo no inconsciente é elaborado um projeto mentalmente para que o salário dure até o próximo pagamento (LOPES *et al.*, 2017).

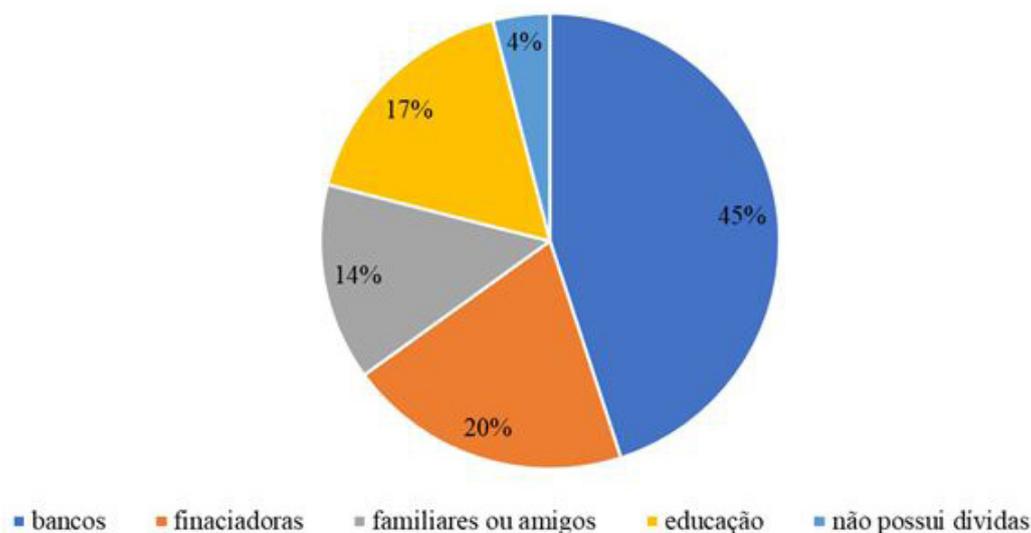
Silva, Souza e Fajan (2015) enfatiza que o controle financeiro significa Planejar ou traçar um plano, programar ou projetar, implementá-lo, portanto, em projetos e planos destinados a utilizar os recursos no futuro de maneira eficiente, evitando-se dívidas e financiamentos. Portanto identifica o caminho necessário a ser percorrido para se obter um determinado fim, sem que isso ponha em risco a saúde financeira. A Figura 6 apresenta quanto em valores os colaboradores da empresa costumam economizar.

Figura 5 - Percentual mensal que costumam economizar



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Figura 7 - Dívidas contraídas



Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A maioria 45% atribuiu a bancos e 20% a financiamentos, 14% dos entrevistados citaram amigos e familiares, seguido com 17% em educação e apenas 4% não possuem dívidas. A pesquisa questionou nos últimos 12 meses com qual frequência os entrevistados estiveram em situação de dinheiro insuficiente para tratamento de saúde (52%) afirmam nunca terem passado por essa situação, 42% algumas vezes passaram por essa situação, 3% frequentemente e 3% não passaram por essa situação

Foi questionado a forma que os entrevistados realizam o pagamento de suas dívidas, destes 53% utilizam apenas dinheiro e boleto, 34% utilizam cartão de débito, 7% cartão de crédito, 2% carnê ou crediário e 4% outras formas de pagamento.

De acordo com Silva, Souza, Fajan (2015) a dívida é o resultado de um empréstimo, e ao final do prazo estipulado deve ser devolvido o principal acrescido de juros; normalmente, são realizados pagamentos periódicos ao longo do período de vigência do empréstimo, enquanto que o endividamento é considerado o somatório do passivo.

Segundo a Pesquisa Nacional de Endividamento e Inadimplência do Consumidor (PEIC – Nacional, 2019) o percentual de famílias com dívidas aumentou em 2019 em 62,7% especialmente com relação ao cheque pré-datado, cartão de crédito, cheque especial, carnê de loja, empréstimo pessoal, prestação de carro e seguro. Estimativa de famílias inadimplentes foi de 25,0%, onde declaram não ter condições de pagar suas contas ou dívidas em atraso e que, portanto, permaneceriam inadimplentes. No entanto quando as alternativas de investimentos optadas pelos colaboradores da empresa são apresentadas na Figura 9.